

Um desafio (ético) na era da globalização: a Informação¹

Paulo Fernando Rocha Antunes
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Portugal)
pauloantunes@campus.ul.pt

Sara Sofia Lúcio Vargas
(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Portugal)
svargas@campus.ul.pt

Resumo: Atualmente já não é possível conceber o mundo sem pensar no caráter globalizado das relações humanas. A globalização constitui um processo de transformações que aparentemente aproxima os “quatro cantos” da Terra. Na era da globalização o mundo e o que nele acontece é apresentado como um todo, em que as suas partes são constituintes desse todo e apenas nele, com ele relacionadas, podem fazer sentido. Esta é a aparência do fenômeno da globalização. Há, pois, uma base econômica neste fenômeno que se destaca cada vez mais na nossa contemporaneidade. Mas este destaque contemporâneo tem uma particularidade que para ele concorre: o desenvolvimento dos meios tecnológicos e o conseqüente desenvolvimento dos meios de informação e comunicação. Debruçar-nos-emos sobre isto: a informação na era da globalização e uma possibilidade ética.

Palavras-chave: Ética; Globalização; Informação.

É verdade que, acerca de Jano, nada me ocorre a respeito da probidade. E talvez assim seja: teria levado uma vida mais afastada de crimes e torpezas. Acolheu benigno Saturno fugitivo; partilhou o seu reino com o seu hóspede, embora cada um tenha fundado a sua cidade – o Janículo e Satúrnica. Mas essas pessoas, gulosas de tudo o que pode manchar o culto dos deuses, achando demasiado honrosa a vida de Jano, desfiguram-no na monstruosa fealdade da sua estátua, que o representa, ora com duas, ora com quatro frentes, como que duplicado. Será que quiseram, já que a maioria dos deuses escolhidos perdeu a cara à força de impudor no crime, que Jano aparecesse com tantas mais frentes quanto mais inocente era?
(AGOSTINHO, 1996: VII, IV, p. 618).

¹ O presente artigo apresenta como textos preliminares os textos vencedores do 1.º Prêmio e Menção honrosa da 3.ª edição Concurso de ensaio – *Desafios éticos na era da globalização* –, atribuído pela Área Científica de Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, no ano letivo de 2014-2015: Sara Sofia Lúcio VARGAS. “A informação: desafio ético na era da globalização contemporânea” e Paulo Fernando Rocha ANTUNES. “Desafios éticos na era da globalização”, respetivamente.

1. Considerações iniciais

Quando se aborda um tema como o da globalização, é preferível que se comece por circunscrever o entendimento que se tem desta. Desde logo pela variedade de posicionamentos que a elogiam, mas, principalmente, por causa dos diversos movimentos antiglobalização que pululam pelo mundo inteiro. Neste sentido, começaríamos por tecer algumas considerações críticas, sem necessariamente se fazer encaixar dentro de um posicionamento “anti”, acerca do referido fenômeno e apenas depois, deter a nossa atenção no(s) desafio(s) que se pode(m) colocar.

Atualmente já não é possível conceber o mundo sem pensar no caráter globalizado das relações humanas. A globalização constitui um processo de transformações que aparentemente aproxima os “quatro cantos” da Terra. Na era da globalização o mundo e o que nele acontece é apresentado como um todo, em que as suas partes são constituintes desse todo e apenas nele, com ele relacionadas, podem fazer sentido. Esta é a aparência do fenômeno da globalização.

Atente-se que tal, nos moldes em que a vivemos, surge com a necessidade crescente de expansão dos “mercados”, de procurar as fontes que os saciem. Porventura, assiste-se ao desenvolvimento dos modos de produção saídos vitoriosos da Revolução Industrial e das revoluções liberais (burguesas) dos séculos XVIII e XIX². Assiste-se ao desenvolvimento tendencialmente expansionista a que os “mercados” estão obrigados para assegurar a sua própria sobrevivência, dada a concorrência e os conflitos sociais advindos, entre outras coisas (cf. MARX, 1962).

Há, pois, uma base econômica neste fenômeno que se destaca cada vez mais na nossa contemporaneidade. Mas este destaque contemporâneo tem uma particularidade que para ele concorre: o desenvolvimento dos meios tecnológicos e o conseqüente desenvolvimento dos meios de informação e comunicação³. Debruçar-nos-emos sobre isto: a informação na era da globalização e uma possibilidade ética.

Quando se procura pensar uma questão tão importante como a globalização dificilmente não salta à vista a enorme transformação e difusão que os meios de informação atuais registam. Esta será, seguramente, uma das questões hodiernas mais relevantes para o rumo da civilização.

² Quiçá, à guisa do que Karl Marx (d)enunciava no seu célebre artigo “The British Rule in India”, escrito em 1853 (cf. MARX, 1979: p. 125-133).

³ Para o efeito do presente artigo, não serão considerados meios informais de comunicação, por exemplo, *blogs*, *sítios* pessoais na internet, etc.

Os novos meios de informação, essencialmente computacionais, conseguem chegar a todo o lado desmente usufruam das condições mínimas para o efeito. Por exemplo, televisão, computador, telemóvel, entre outros apetrechos, e, claro, o mais essencial – acesso à internet⁴.

Por conseguinte, algumas das questões que tal condição informacional levanta são: quais as consequências de uma tão elevada omnipresença da mesma? Esta poderá ser garante democrático? Pode tal omnipresença transformar-se rapidamente em onnipotência ou já o é? Quer dizer, a onnipotência, de uma forma de estar da humanidade, eventualmente “comercializada” pelos seus modernos meios de comunicação, poderá mitigar o conflito ou, ao invés, exacerbá-lo?

Estas questões, porventura, assinalam os desafios (éticos) que se colocam a uma reflexão em torno da globalização⁵. Assim se parece colocar a importância de pensar o lugar da informação nesta era da globalização.

2. A globalização e a hegemonia mundial

Na atualidade, a globalização, tratar-se-á de uma hegemonia Ocidental (sem deter a exclusividade do tipo de sistema econômico), porém, desafiada pela chamada “periferia”.

Os principais conflitos a que o mundo se tem sujeitado, à medida que se vai globalizando cada vez mais, não parecem advir diretamente das diferenças culturais e/ou religiosas, de modo que não se tratará de um “conflito de civilizações”⁶, ainda que tais diferenças sejam relevantes para as relações humanas. Na verdade, o que se registra, mais propriamente, será a expansão do “mercado mundial” que obriga a que tão diferentes pontos do mundo se interliguem. Já não existe uma nação que não esteja ligada a outra(s)⁷.

⁴ É por causa da rede global e da tecnologia que lhe está associada que Manuel Castells não aceita como terminologia para a sociedade atual: “sociedade da informação” e “sociedade do conhecimento”; pois tanto a informação como o conhecimento sempre foram essenciais. Segundo o autor, o que agora distinguirá a nossa sociedade hodierna serão “as redes” (cf. CASTELLS, 2006: p. 17-18; 2001). Num sentido semelhante, Fernando Ilharco refere uma “viragem computacional”, no entanto, procurava destacar aquilo que hoje se entende como “filosofia da informação”, o que não é impeditivo, bem pelo contrário, de se refletir a sua relação com a globalização e a ética (cf. ILHARCO, 2004: p. 6 e p. 15-16).

⁵ Poderá ser interessante atentar à leitura de Luciano Floridi, pioneiro da “filosofia da informação”, em *The Ethics of Information* (cf. FLORIDI, 2013; 2010).

⁶ Como insistiu, por exemplo, Samuel Huntington em *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*, no final do passado milênio (cf. HUNTINGTON, 1996).

⁷ Com os mais recentes avanços tecnológicos o mundo inteiro encontra-se interligado (por exemplo, através da *internet*), não sendo apenas as nações que se interligam. As pessoas podem contactar-se de qualquer parte do globo e ter acesso às diferentes culturas. A isto se junta a possibilidade de viajar rapidamente e por quase todo o lado como nunca se pôde noutras épocas. Porventura, serão estes os principais e hodiernos resíduos de um cosmopolitismo como Kant ambicionava (cf. KANT, 1868: p. 405-454).

Hoje, uma série de tratados de comércio, segurança, circulação, etc., firma-se entre as mais diversas nações, alguns atingindo quase todos os continentes. Quando deflagra uma guerra, esta dificilmente se circunscreve a civil ou a duas nações apenas, uma vez que as guerras têm convocado uma série de aliados (transcontinentais) e dos mais variados interesses que sempre tocam noutras nações e continentes.

A partir dos conflitos de interesses entre as nações, em geral consabidos (concorrência pelo domínio comercial, de recursos naturais, de uma zona militarmente estratégica, etc.) – exceto o que se vela por detrás de uma, não poucas vezes duvidosa, diplomacia –, as nações têm firmado alianças que comportam como principal suporte a componente militar. Esta ainda é tida como a melhor maneira de defender o comércio e os recursos naturais. (Hoje em dia, poucos duvidam de que a invasão ao Iraque não tenha sido despoletada por causa do petróleo, bem como por outros interesses geoestratégicos.)

É quase senso comum o quão abalados têm sido os alicerces daquilo que ainda é conhecido como Estado-nação. Este já não se caracteriza, *inter alia*, por um rigoroso controlo fronteiriço, alfândegas protecionistas, ou mesmo por um exercício escrupuloso de soberania. O atual Estado-nação, apesar de manter como base a unidade de um determinado povo (língua, cultura, órgãos de poder, burocracia, etc.), encontra-se cada vez mais diluído na globalidade das novas relações interestatais⁸.

Por conseguinte, a Organização das Nações Unidas (ONU), onde se filiam a maior parte das nações do mundo, deveria assegurar para si um lugar cada vez mais preponderante num mundo globalizado. Todavia, encontra-se cada vez mais enfraquecida. Autores como Peter Singer propõem a sua reconfiguração. O autor australiano assinalou, por exemplo, que a Invasão do Iraque (ou 2.^a Guerra do Golfo), em 2003, teria tornado a ONU, pela pressão do Presidente dos E.U.A. de então – G. W. Bush –, irrelevante. Daí a necessidade de um novo paradigma para a mesma (cf. SINGER, 2004: p. x).

A verdade é que os Estados que fazem parte da ONU estão cada vez mais divididos diplomaticamente. Os interesses dos Estados (muitas vezes de hegemonia geoestratégica – Singer denunciava o que então se delineava como uma pretensa “pax americana”) estão necessariamente ligados aos de outros Estados devido à globalização das relações e, de cada

⁸ Não será por acaso que o responsável dos Serviços Secretos franceses para o Estrangeiro, Bernard Bajolet, tenha afirmado despidoradamente: «[que] o Médio Oriente que conhecemos acabou e duvido que volte» - «Le Moyen-Orient que nous avons connu est fini et je doute qu'il revienne.» (BAJOLET, 2015). O declínio dos Estados-nação já vem sendo documentado desde o século passado (por exemplo, cf. Mann, 1990).

vez que os Estados colidem, aumenta a possibilidade de dar azo a consequências mais devastadoras do que aquelas conhecidas no século passado⁹.

Joseph Stiglitz assinala que a globalização tem sido conduzida poderosamente pelas sociedades empresariais e as três instituições principais (sem rosto) que a governam serão o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC), (cf. STIGLITZ, 2002: p. 3). Nenhuma destas instituições tem obrigação de sanar conflitos ou outros interesses que não sejam os de defender os princípios econômicos dos seus filiados. Nada disto abona em favor da globalização atual, nem em maior relevância para a ONU.

Neste sentido, a globalização vigente acaba por transportar consigo uma imensa contradição. Por um lado, os Estados procuram afirmar a sua saúde (ou força) assinando tratados, provocando, invadindo e hegemonzando-se uns sobre os outros; e, por outro lado, diluem a sua própria soberania pelas reconfiguradas relações interestatais (comerciais, securitárias, etc.). Tudo isto ao mesmo tempo que a ONU, estrutura supranacional com mais membros (e talvez a única não exclusivamente preocupada com a capitalização de Estados e/ou corporações financeiras ou ainda de outro jaez), vê a sua presença tornar-se cada vez mais irrelevante.

É com este cenário como fundo que se procura pensar os desafios que se colocam. Numa era da globalização, que desafio (ético) coloca a (/os meios de) informação?

3. A (outra) face da Informação

É possível que a uma massificação da informação – e aqui poderá interessar ter em consideração o tipo de conteúdos mais veiculados, bem como o reduzido número de agências de informação internacional que, por sua vez, procedem à distribuição mundial da informação – não esteja a corresponder um igual progresso democrático¹⁰.

Não será por acaso que se diz que os meios de comunicação social são o “quarto poder” (sê-lo-á assim desde as primeiras Revoluções liberais). Mas, se os outros poderes convencionais – legislativo, executivo e judicial – são, em quase todo o mundo, eleitos democraticamente (ou nomeados por vias democraticamente eleitas), com os Media já não

⁹ Para que as consequências assumam dimensões devastadoras já não será preciso uma grande guerra, como nos chegaram os exemplos da I e II Guerra Mundial. De acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados a crise atual de migração é a maior desde a II Guerra Mundial (cf. EDWARDS, 2014). E, na verdade, deve-se “apenas” a uma guerra civil (em rigor, assumida globalmente) como a da Síria.

¹⁰ Para isto terá contribuído a Conferência do G7 de 1995 onde, no que se refere à expansão da informação, tais nações a terão confiado ao mercado e ao “princípio de competitividade” descurando a “diversidade cultural como muito polémica” (cf. MATTELART, 2000: p. 181).

será, propriamente, a mesma coisa. Ou estes pertencem ao Estado (o que poderia lograr, de certa maneira, uma ligação indireta ao poder democraticamente eleito, o que nem sempre garante a sua idoneidade) ou pertencem, em geral, a grandes corporações privadas, que muitas das vezes não tratam apenas de comunicação, mas também possuem investimentos financeiros noutras áreas.

Os Media têm conseguido ao longo dos anos influenciar quedas e ascensões de governos, de políticos (entre outras personalidades); os Media têm até justificado invasões de umas nações por outras, bem como, propalado ódio (mesmo que não seja seu desiderato); etc.

Talvez se possa pensar que uma tão grande influência não seja necessariamente perniciosa, pois os povos decidem com base na informação que se procura, *prima facie*, o mais ampla possível. Entretanto, será que a informação veiculada tem realmente procurado mostrar todos os ângulos da questão que aborda? Será que não é, por exemplo, permeável aos anseios de mercado (e/ou políticos de outro tipo)? Quer dizer, será que, aqueles a quem incumbe passar a informação (mais propriamente os que a redigem), não acabam por ter, em primeiro lugar, de garantir as audiências, os leitores, e os seus postos de trabalho por consequência e apenas, em segundo lugar, informar devidamente? Em suma, será possível traçar-se uma fronteira inequívoca entre informação e propaganda (política ou publicitária)?

Parece que se encontra aqui um dos paradoxos da informação nesta era da globalização: quanto mais massificada, menos democrática parece tornar-se e mais propagandística.

Deste modo, o que importa será refletir no tipo de omnipresença que os meios de comunicação atuais conquistaram¹¹. Quando se fala na capacidade que o desenvolvimento da globalização tem para aproximar os “quatro cantos” do globo, sacudir preconceitos e até homogeneizar à guisa pretensamente cosmopolita a postura dos mais diversos povos, não se pode eximir à responsabilidade que os Media têm tido nesse mesmo processo. Porventura, não estará, tal presença, a contribuir para a criação de um falso consenso acerca de uma forma de estar da humanidade?

Tratando-se realmente de um falso consenso, isto é, criado artificialmente com propósitos não (ou pouco) divulgados, tal poder-se-á encontrar, poderíamos dizer, empiricamente comprovado pela situação de conflitualidade internacional. A tensão que se regista entre as diversas nações, seja do ponto de vista cultural, religioso, económico, etc., não logra qualquer superação por via de uma informação uniformizada, antes pelo contrário, parece que se levanta maior hostilidade.

¹¹ Por exemplo, Floridi equipara o processo de uma “infoesfera global” ao de um “ecossistema” (cf. FLORIDI, 2013: p. 8-9).

Este parece ser um dos perigos da informação tal como se tem revelado globalmente. O chamado *mainstream* parece ter adquirido, cada vez mais, “força de lei”. À informação parece, por vezes, caber confirmar os preconceitos de uma generalidade da população ou formar os próximos preconceitos geralmente aceites.

Assim, parece surgir aqui um outro paradoxo: à omnipresença da informação, o que parecia elevar as potencialidades democráticas, parece estar associada uma onnipotência facilitada pela concentração dos “donos da comunicação”. Não obstante todo o poder dos Media, acabará sempre por dar ou fortificar o poder político, económico e/ou militar, sendo este(s) a exercer efetivamente o poder que do primeiro terá recebido apoio.

Enfim, os Media apresentarão duas faces. Por um lado, uma de que neste espaço procuramos dar conta, o seu lado negativo, por assim dizer, potencialmente propagandístico, dissimulado e pouco democrático; e, por outro, o seu lado positivo: o de veiculador e guardião da informação, para que esta possa ser divulgada (com veracidade) e não ocultada e/ou deturpada.

Mas é por haver, e se registar aqui e ali, com bastante incidência, o primeiro caso, que é importante pensar-se a informação e os meios através dos quais esta é divulgada nesta era de globalização, onde a maior parte da população mundial pode cair num mesmo logro.

Essa manipulação da informação, que corresponde ao enviesamento da realidade que se noticia, serve propósitos contrários aos da própria informação. Alguém “informado” hoje pode não ser necessariamente alguém que possua dados suficientes para se considerar conhecedor de um determinado assunto. Falta-se à ética de seguir autónoma e transparentemente o propósito de informar com seriedade.

4. Em jeito de conclusão: nota acerca de uma possibilidade ética

Registamos, pois, a importância de um sentido ético no âmbito da informação global. Sem um tal esforço, é possível que se fique cada vez mais à mercê das mais variegadas manipulações. Não será possível qualquer informação sem sociedade, então, cabe perceber que tipo de sociedade se pretende construir global e informacionalmente.

A informação nesta era global convoca-nos certamente a imensos desafios, mas, dada a exiguidade do espaço, assinala-se somente aquele que parece ser o mais abrangente: a exigência de uma convivência multicultural consciente do que impele o mundo para o estado social e económico em que se encontra. Já não se trata somente de um apelo cosmopolita ou de um *dever*, mas de uma exigência da própria realidade. A informação terá aqui um papel preponderante.

No entanto, o desafio enunciado não se trata, em exclusivo, de uma exigência ética. Não obstante, quem pode permanecer (eticamente) indiferente aos desenvolvimentos globais que têm roçagado, cada vez mais, os limites do catastrófico?

A globalização não pertence ao foro de uma evolução de tipo natural, antes, a globalização é o atual resultado e fenômeno de determinadas relações humanas. Estas conduziram-na à sua dupla face: por um lado, tanto se dá como uma conquista da humanidade – a partilha facilitada entre pessoas e povos de todo o mundo –; e, por outro, mostra as suas mais profundas deficiências quando se assume cruamente como exclusiva propiciadora de uma maior acumulação de capital. Talvez, como Janus, a globalização tenha uma “face” virada para trás, o passado (aquele que conduziu a globalização à sua expressão atual), e outra virada para a frente, o futuro (cf. AGOSTINHO, 1996: VII, VIII, p. 627-628), assim como a informação que a acompanha, como uma das suas manifestações e das que mais contribui para o seu processo.

Ainda que os desafios de uma globalização como a atual não sejam exclusivamente éticos (nem mesmo aquele que enunciamos), seguramente, a ética será chamada a desempenhar o seu papel quanto às relações multiculturais, supranacionais e informacionais, quer no presente, quer no futuro. Fala-se aqui de uma ética como iniciativa pessoal, mas, também e principalmente, como iniciativa coletiva e coletivamente consciente.

Estamos cientes de que não é nada de profundamente criativo aquilo que se assinala como desafio (ético) mais premente, mas parece certo de que a sua tomada de consciência e o seu relevar, aí sim, levará a que se procurem soluções verdadeiramente criativas e a que se procure tornar um desenvolvimento, enquanto globalização, numa globalização mais humana e realmente informada, quer tenha de passar pela reconfiguração da ONU ou não, ou dos meios de informação de uma maneira geral. Mas, seguramente, não poderá ficar alheio ao desenvolvimento econômico coetâneo.

Em jeito final, evoca-se o que, por exemplo, Immanuel Wallerstein referia, não por acaso, na sua primeira introdução ao “sistema mundial”: «A capacidade do homem para participar inteligentemente na evolução do seu próprio sistema depende da sua capacidade para perceber o conjunto dele» (WALLERSTEIN, 1974: p. 10¹²). O que aqui se avançou não se trata de uma proposta “antiglobalização”, nem tão-pouco contra a informação globalizada. Ao invés, tratou-se de convidar à reflexão para o tipo de globalização e de informação que se quer e do que se pode esperar do conjunto das atuais relações sociais e do futuro.

¹² «Man’s ability to participate intelligently in the evolution of his own system is dependent on his ability to perceive the whole.»

Referências:

AGOSTINHO, A. *A Cidade de Deus*. 2. ed. Trad., prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, v. I.

BAJOLET, B. Le Moyen-Orient d'avant ne reviendra pas. 2015. Disponível em: <http://www.rtl.be/info/monde/international/-le-moyen-orient-d-avant-ne-reviendra-pas--766109.aspx>. Acedido a 17 de janeiro de 2016.

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (orgs.). *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Acção Política*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

_____. *La Galaxia Internet*. Barcelona: Areté, 2001.

EDWARDS, A. World Refugee Day: Global forced displacement tops 50 million for first time in post-World War II era. 2014. Disponível em: <http://www.unhcr.org/53a155bc6.html>. Acedido a 11 de janeiro de 2016.

FLORIDI, L. (org.). *The Cambridge Hand book of Information and Computer Ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUNTINGTON, S. P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

ILHARCO, F. Filosofia da Informação: Alguns problemas fundadores. In: *II Congresso Ibérico de Ciências da Comunicação*. 2004. Disponível em: www.cccc2004.ubi.pt. Acedido a 14 de janeiro de 2016.

KANT, I. Zum Ewigen Frieden. In: *Sämtliche Werke*. In chronologischer Reihenfolge herausgegeben von G. Hartenstein. 8 Bände. Leipzig: Leopold Voss, 1868, v. 6, pp. 405-454.

MANN, M. (org.). *The Rise and Decline of the Nation State*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

MARX, K. Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. In: *Marx-Engels Werke*, ed. IML. Berlin: Dietz Verlag, 1962, v. 23.

_____. The British Rule in India. In: MARX, K.-ENGELS, F. *Collected Works*. New York: International Publishers, 1979, v. 12, p. 125-133.

MATTELART, A. *A globalização da comunicação*. Trad. Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC 2000.

SINGER, P. *One World: The Ethics of Globalization*. New Haven & London: Yale University Press, 2004.

_____. *The Ethics of Information*. Oxford University Press, 2013.

STIGLITZ, J. E. *Globalization and Its Discontents*. New York-London: W. W. Norton & Company, 2002.

WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System, vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York/London: Academic Press, 1974.

A (ethical) challenge in the globalization era: the Information

Abstract: Currently it is no longer possible to conceive the world without thinking of the globalized nature of human relationships. Globalization is a process of transformation that apparently approaching the “four corners” of the Earth. In the era of globalization the world and what happens in it is presented as a whole, in which its parts are constituent of it and only in it, related to, can make sense. This is the appearance of the phenomenon of globalization. There is therefore an economic basis of this phenomenon that stands out increasingly in our contemporaneity. But this contemporary highlight has a peculiarity that it competes to: the development of technological means and the consequent development of information and Media. We will dwell on this: the information in the era of globalization and an ethics possibility.

Keywords: Ethics; Globalization; Information.

Data de registro: 30/09/2016

Data de aceite: 30/03/2017